

## EDITORIAL

Ao inaugurar a escrita psicanalítica, Freud nos legou um patrimônio inestimável, que cada publicação visa expandir, ampliar, questionar. A expressão bioniana *public-action* (separada por um hífen, a palavra tem seu sentido de uma ação de alcance público acentuado) compreende não somente o momento do processo interpretativo – quando um fenômeno mental torna-se uma ação compartilhada –, mas de igual modo um importante compromisso de todo psicanalista com seu grupo analítico de pertinência.

Tal o desafio que ora – juntamente com alegria e entusiasmo – assumimos ao ocupar a editoria do **Jornal de Psicanálise**, órgão que vem desempenhando ao longo de vários anos importante papel na divulgação da nossa produção no seio da comunidade científica mais ampla e no aprofundamento dos temas relacionados ao ensino da Psicanálise e à formação de psicanalistas. Agradecemos o convite e a confiança em nós depositada pelo diretor do Instituto, Dr. João Baptista N. F. França, da nova diretoria da SBPSP. Reafirmamos o compromisso de seguir os passos dos nossos competentes predecessores, que sempre visaram uma publicação de excelência, aberta à multiplicidade de abordagens teórico-clínicas em psicanálise, sintonizada com as lacunas teóricas, com as brechas na formação, com a reflexão incessante dos pontos de luz e sombra que encontramos nesse nosso contínuo percurso de vir a ser psicanalista.

Temos hoje vários modelos teóricos em psicanálise e colocar esses modelos em diálogo criativo pode ser a forma de não ficarmos à deriva ao lidar com os desafios e impasses que nos apresentam a clínica contemporânea.

Escolhemos para o presente número o tema *Feminilidades/Masculinidades: Releituras*, acreditando ser esta uma proposição que toca em áreas fundantes do psiquismo. A constatação das diferenças das gerações e das diferenças entre os sexos são estruturantes e necessárias para o estabelecimento do sujeito psíquico. Masculinidade e feminilidade ligam-se inexoravelmente às condições que produzem a subjetividade e as significações imaginárias, lembrando que toda diferença perturba os sujeitos em seu narcisismo, e exige sempre um trabalho psíquico sobre os impactos provocados por essas diferenças.

O assunto propicia uma multiplicidade de abordagens em psicanálise, destacamos aqui alguns temas e questões emergentes a que *masculino/feminino* nos remetem: funções e posições psíquicas; atravessamento de fantasmática masculina ou feminina, independentemente do sexo anatômico; desejo; ser homem ou mulher;

questões de identidade masculina e feminina; orientações sexuais homoeróticas ou heterossexuais; feminino arcaico; conceitos de identidade de gênero; de transferência e contratransferência de gênero; influências socioculturais e ideológicas de época. Tal abrangência de abordagens nos conduziu a continuar no próximo número explorando outros vértices desse mesmo universo.

Sabemos que os fatores que intervêm na conformação da masculinidade e da feminilidade humanas são multifocais: anatômicos, intrapsíquicos, intersubjetivos, socioculturais, históricos. Particularmente verdadeiro no que tange às conceituações sobre feminino, emergiram, a partir da teorização de Freud, diferentes vertentes teóricas que apresentam as maiores controvérsias e impasses. Ainda encontramos psicanalistas que se dividem entre o “grupo de Viena”, de inspiração freudiana, que tomam por base a sexualidade masculina, o complexo de castração e a negação de uma feminilidade de base na descrição da psicosexualidade feminina, e os do “grupo de Londres” (Klein, Jones, Winnicott), que descrevem uma feminilidade primária desde os primórdios do psiquismo tanto para meninos como para meninas.

Como veremos, a riqueza das ideias freudianas, com suas afirmações paradoxais sobre a psicosexualidade humana – veja-se a conhecida controvérsia “natureza *versus* cultura” –, continuam nutrindo e reverberando no campo psicanalítico.

(Freud afirma que a anatomia é o destino e diz, ao mesmo tempo, que ninguém nasce homem ou mulher. Essas categorias, da psicosexualidade feminina e masculina, seriam construídas em um longo caminho que vai da infância à adolescência, dependendo das vicissitudes das relações pré-edípicas e edípicas.)

Sabemos que inúmeras são as combinações das posições masculinas e femininas em ambos os sexos, e que a predominância de uma ou outra está na dependência do contexto vivencial. Cada posição se desenhando e se apresentando uma em função da outra, expressando a impossibilidade de ser mulher ou homem sem uma referência ao lugar do outro. Nesse sentido, o tema deste número, *Feminilidades/Masculinidades*, no plural, expressa a nossa convicção de que quando se trata do humano, paradoxalmente, é na variedade e no múltiplo que mais precisamente encontraremos o que delinea o peculiar, o maravilhosamente único e genuíno de nossa humanidade.

Perguntamos, com Schaeffer, J., “Numa Sociedade cada vez menos ‘edípica’, que tende a negar a diferença geracional e dos sexos, o analista não se sente investido de uma função capital? A de ser fiador de uma sexualidade elaborativa, da co-criação do casal, do gozo sexual ou de felizes sublimações, em face de um mundo que nos confronta com a existência de formas mais e mais operatórias, ou perversas de interação”.

Ressaltamos, com Jacques André (em seu livro *As origens femininas da sexualidade*), que “a dimensão psicosexual da sexualidade humana, a bissexualidade

psíquica, a pluralidade das identificações, tudo isso constitui ao mesmo tempo as descobertas da psicanálise e as condições de possibilidade de seu exercício. É isso que permite um homem ser diferente de uma mulher (...) os corpos serem permanentemente reinterpretados e ressignificados por nossa vida fantasmática e pelas determinações de época (...) A diversidade humana não cabe em uma simples definição de masculino e feminino”.

Uma rica entrevista com Sonia Curvo Azambuja abre o presente número. Ao discorrer sobre as “presenças e ausências” que marcaram sua vida como psicanalista, pensadora, mãe, mulher e cidadã, Sonia nos expõe a autonomia e a originalidade de seu pensamento a respeito da psicanálise e da cultura, a par de suas concepções longamente maturadas desses “dois sistemas estelares” (masculino e feminino), que buscam incessantemente uma comunicação possível.

No debate, encontramos uma conversa aberta e vibrante entre nossos convidados e o corpo editorial, com considerações sobre o feminino em Freud, controvérsias sobre homossexualidades, discordâncias sobre o caráter atemporal da vida psíquica, sobre o medo ancestral ao feminino e sobre as determinações históricas e culturais nas formações psicopatológicas, entre outras.

Encerrando este volume, deixamos registrado no *Tributo a Isaías Melsohn*, a homenagem do **Jornal de Psicanálise** e de vários colegas a esse pensador apaixonado e comunicador que, como ninguém, “empunhava a taça com o néctar da intersubjetividade”. Sonharemos com Isaías pela continuidade de uma psicanálise, como ele tanto desejava, cuja técnica estará mais a serviço da expressividade afetiva do par analítico.

Seguindo sua inspiração, desejamos oferecer ao leitor uma escrita, semelhante à proposta pelo poeta e crítico Yves Bonnefoy, que na busca contínua da escrita plena não teme entrar no interior de sua noite, enfrentar a própria finitude e encontrar a liberdade de expressão. “A escrita” – diz ele – “é esta liberdade consentida às palavras de atravessar e reatrasar sem cessar a fronteira, se existe uma, entre a memória daquilo que é, na realidade empírica, e a memória que elas têm do que nós somos na nossa noite interior.”

O leitor encontrará também, nos artigos a seguir, o exercício reflexivo dos autores, nas suas diferentes linhas de pensamento: esperamos que possam usufruir desses excelentes textos que aguardam, tal como nos aconselha Umberto Eco em *Seis passeios pelo bosque da ficção*, um trabalho de consideração atenta daquele que os lê.

“Afinal, todo texto é uma máquina preguiçosa pedindo ao leitor que faça a parte de seu trabalho. Que problema seria se um texto tivesse de dizer tudo que o receptor deve compreender... não terminaria nunca.”

*Cândida Sé Holovko*

Cândida Sé Holovko  
Editora

Mirian Malzyner  
Coeditora

Corpo editorial  
Ana Maria Vieira Rosenzvaig  
Eduardo Boralli Rocha  
Marina Ramalho Miranda  
Marta Úrsula Lambrecht  
Richard Carasso  
Silvia Lobo  
Yeda Alcide Saigh